



Mais um ano...

«O Gaiato» é um manancial de força, de fé e de coragem, de preço inestimável». (Da «Colaboração dos Leitores»).

Entra o nosso jornal no seu trigésimo terceiro ano de existência. Na sua simplicidade, sem atropelos ou recurso à demagogia fácil e oportunista, vai encontrando o seu lugar de «agitador» das consciências, tantas vezes adormecidas, em vista de um mundo

mais belo e justo. As milhares de ressonâncias chegadas até nós ao longo do ano, de que são uma singela amostra as páginas centrais, dão-nos a certeza duma «força» que a nós próprios tantas vezes espanta e confunde. E essa «força» vem a todos os títulos do facto de nestas colunas, sem grandes especulações ou filosofias, se defenderem os direitos dos Homens e se induzirem estes «a reconhecer e a respeitar o Pobre».

Sem ser um jornal apologético, «O Gaiato», além de incutir «força», não pode deixar de ser «manancial de fé». Sim, porque exprime um profundo respeito pelo Homem, pela sua liberdade e pela sua dignidade, mormente pelos Irmãos mais prostrados, tal como o Mestre de Nazaré exemplificou. Por isso Pai Américo escreveu: «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepa-

re-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom». E mais: «Todo o esforço e todo o tempo é, pouco para revelar Cristo às almas». Porque acreditamos em Deus pretendemos outrossim acreditar nos Homens, mostrando-lhes os caminhos da verdadeira libertação, sem ódios ou malquerenças, mas denunciando firmemente as injustiças e os egoísmos, para a todos congregar no mesmo amor fraterno, de filhos do mesmo Pai.

«O Gaiato» é também, assim o desejamos com veemência, um convite sincero a um «manancial de coragem» para melhor se poder enfrentar a vida, nas suas dificuldades e nos seus espinhos, em ordem ao cumprimento dos deveres de cada um, e como que um aviso a lembrar aos homens que somos todos solidários, irmãos uns dos outros, empenhados seriamente na consecução de

maior justiça, de mais paz e dum reino de amor. Na linguagem desafectada com que aqui se escreve, Rapazes e demais colaboradores, às vezes com o coração a sangrar e de mãos calejadas, sem saber ou virtudes especiais, demonstram que não são tão difíceis ou intransponíveis como parecem, ou alguns julgarão, os caminhos a percorrer. É uma questão de vontade.

O «manancial de preço inestimável» do leitor acima trans-

crito pômo-lo nós nas dores e nas angústias, nas privações e nas carências de todos aqueles por quem «O Gaiato» é, que sofrem na sua carne ou no seu espírito, actualizando-as, a paixão e a morte de Cristo, triste e deplorável espectáculo a que as iniquidades dos homens conduzem ou toleram, ontem como agora.

Terminamos. «O Gaiato» vai prosseguir. Servir os Homens é o seu propósito de sempre e não novidade de última hora. Que os Pobres não faltam, de vários matizes e quadrantes! E dele se possa afirmar em todo o tempo, como escreve um dos Leitores: «Bendito seja Deus pela Luz que daí continua a jorrar».

Calvário

Deus serve-se dos fracos para confundir os fortes. Utiliza os instrumentos mais pobres quando se trata de obter altos resultados.

O João é mentalmente criança de tenra idade. Moralmente um inocente. Contudo, no trabalho é o mais dos diligentes. Os outros que me perdoem, mas não o superam. Ergue-se cedo. Tantas vezes se lhe tem dito que fique na cama até mais tarde. Que não! É o trabalho de ajudar os mais doentes que o força. Silenciosamente começa pelos acamados. Lava-os. Veste-os. Põe-lhes as mesas. Dá-lhes de comer. Outros o coadjuvam, mas ele vai sempre na dianteira. Profissionais que fossem e ó perseverança!

É esta a descoberta que já há longo tempo venho fazendo — a perseverança dos débeis mentais no cuidado e carinho com os seus irmãos mais débeis ainda. Eles não têm horas. Descansam ocupando-se. A verificação da validade que têm é a sua maior satisfação pessoal e a força que os faz continuar.

Tenho visto por aqui tanta gente normal iniciar este mesmo trabalho de ajudar os mais doentes, os que estão cronicamente enfermos e fatigar-se rapidamente, alegando subtilmente que não se realizam em tão fraco mister.

Evidentemente que estes sabem coisas demais para estarem aqui a perder tempo, na repetição fastidiosa e sem perspectiva de êxito.

Por outro lado verifico que a permanência alegre, eficaz e comprometida, é sempre certa nos inúteis, nos despreziosos como o João.

E concluo que a nossa Obra, sendo pobre nos que recebe, é chamada a permanecer igualmente pobre nos que se lhe dedicam. E nisto vejo o dedo de Deus. Ele escolhe os fracos para confundir os fortes. Os ignorantes para ensinar os sábios!

Ontem eram quatro horas duma manhã que tardava a clarear. O João sai do seu quarto na casa «Graças a Deus» e entra no pavilhão dos homens, para a habitual tarefa matutina. O senhor Armando, doente que ali se encontra imobilizado vai em largos anos, fica espantado e pergunta-lhe porque veio tão cedo.

— Já é dia, responde simplesmente o João.

O mundo, que queres mais horas para ti do que para os outros, vem aqui aprender com o João.

LOURENÇO MARQUES

A Obra da Rua obteve para Moçambique aprovação do seu Estatuto em 19 de Outubro de 1965. Em Novembro de 1967 foi possível instalar uma pequena comunidade de trabalho, na propriedade oferecida por um casal, anos antes. Não fomos à procura doutros bens que não fossem os justos e necessários às Crianças mais carecidas. Podíamos ter ficado no Portugal pequenino, mas na hora do começo de jogo de grandes interesses pensámos também ter uma palavra a dizer com a nossa doação absoluta e desinteressada.

A Casa do Gaiato estava implantada a 15 quilómetros da cidade, em zona densamente habitada e muito carecida, a que procurávamos servir, às vezes para além das nossas possibilidades.

As Escolas, como primeiro meio de promoção, foram aumentando de frequência, regis-

tando, neste último ano que terminou em Novembro, 380 alunos, de dia; com o incremento da alfabetização promovido pelo «Grupo Dinamizador» da zona, eram mais 200 à noite.

Ao nosso posto médico vinham diariamente dezenas de pessoas, receber curativos, injeções e remédios. Chegávamos a estar três horas por dia nessa tarefa. Havia uma consulta semanal, servida por quatro médicos que íamos buscar à cidade, às vezes mal acabando de dar o seu período de vinte e quatro horas no serviço de urgência do Hospital e vinham prestar essa ajuda desinteressada. Isto era o que poderíamos chamar trabalho programado. Continuamente atendíamos outras necessidades, desde o uso do telefone até à ajuda para construção de uma casa, esta já frequente nos últimos

Cont. na QUARTA pág.

Padre Baptista



Os anos passam e o reflexo da sua luz da Luz continua vivo e operante.

COLABORAÇÃO

Como sempre, eis uma extensa amostra de correspondência dos Leitores, sua quota-parte no aniversário do «Famoso». São mensagens de vários quadrantes. De Portugueses espalhados pelo mundo. E com as quais ficamos esmagados todos os dias, todos! O nosso correio é um sacrário d'almas. São desabafos, preces, votos, hinos d'amizade, inquietação, fraternidade, amor — explosões de Sobrenatural, diria Pai Américo.

O «FAMOSO»

«Caros Amigos

Não percam tempo e dinheiro a agradecer o que vos envio. Tanto um como o outro vos são preciosos. Eu sei que sois gratos e tanto me basta. Além disso eu sinto a obrigação de o fazer, desde que o meu ordenado mo permita, em conformidade com a vida que corre. «O GAIATO» é um manancial de força, de fé e de coragem, de preço inestimável. Os filhos abandonados desta nossa terra merecem que façamos algo por eles. E eles são cada vez mais!...»

«Continuamos a apreciar imensamente o vosso Jornal, o qual nem parece deste mundo, pois só transpira amor pelo Próximo, enquanto que os outros (os diários) apenas falam das coisas da terra, que afinal andam muito... por terra.

Lastimamos que os homens, talvez a maior parte, não se tenham apercebido que «a nossa doutrina» — aquela que pregais — velha de dois mil anos, é sempre actual e está eternamente jovem. Esta é que é a verdade que todos deviam acreditar... Já! (Isto para usar do moderno estafado termo)...»

«Paguei hoje a minha assinatura de «O GAIATO» que muito vos agradeço. E peço imensa desculpa por terem esperado tanto tempo que eu cumprisse o meu dever. Tinha treze anos em atraso; agora já estou em dia, dou muitas graças a Deus por isso. É com mágoa que vos peço que não me mandem mais o jornal. Sinceramente não o posso pagar. A reforma do meu marido é muito pequenina e somos três a comer dela... Todos os três doentes.»

«(...) Fui assinante de «O GAIATO» durante alguns anos. Jornal tão profundo e educador, o único que eu lia e tanto apreciava. Mas talvez há dois anos, não me recordo bem, escrevi a despedir-me por não ter possibilidade de pagar a assinatura. Sou pensionista do Montepio dos Servidores do Estado; a pensão é pouca e com ela tudo

tenho de pagar e manter-me, principalmente tantos medicamentos que tomo sem ter o mais pequeno desconto e todos tão caros. Se Deus o permitir, faço em Fevereiro próximo 79 anos. Vivo só e já sem forças para tratar da minha casa (de renda, é claro).

Quando escrevi a carta a despedir-me não foi sem lágrimas que o fiz, com a pena duma alma sensível e triste por me desligar duma leitura a que estava habituada. Tão bem me fazia e compreendia!

Recebi, entretanto, uma carta atenciosa, delicada, como resposta, dizendo que eu nunca deixaria de receber o jornal. E assim foi!...»

«Com todo o carinho e admiração pelo vosso jornal, que nunca nos falta, aqui segue o

pagamento e um pedido: que ele continue a ser o nosso acordar de consciência.

Bem hajam pela vossa Obra e coragem, exemplo vivo em todos os tempos.»

«Leio sempre «O GAIATO» que aprecio imenso dada a «chama viva» que sempre conserva. Mas queria dizer-lhes que só um ano me esqueci de vos enviar os 50\$00.»

«Um abraço e mil desculpas de só agora, e à correr, dar sinais de vida. Recebi já 3 exemplares de «O LODO E AS ESTRELAS». Seguem 500\$00 para liquidar isso e a minha assinatura.

O jornal «O GAIATO» continua instrumento de Paz inquietante e Verdade autenticamente revolucionária.»

«Desejo-vos o maior êxito nas vossas mensagens e realizações.

Para a assinatura renovada do jornal, meu espelho e meu revelador, envio hoje um vale de correio a dividir por «O GAIATO» e por outros testemunhos de salvação e dor a escolher por vós. É minúscula a contribuição por mim proporcionada mas não posso onerar-me mais.

Com esperançosos anseios, aqui fica a minha agradecida saudação de paz e amor.»

«O assinante n.º 13778 ou seja a sua viúva de há 10 anos, vem satisfazer a dívida da assinatura do nosso querido jornal, pequeno no tamanho e tão grande na riqueza das suas palavras.

Quero por vezes saboreá-lo aos poucos, mas quando dou por ela já nada mais resta do que a lembrança e consolação que me deixa na alma.»

«Meus bons Amigos:

Permitam-me que vos trate assim, pois embora sabendo que não me conhecem, já vos conheço há alguns anos, através do vosso Jornal — com letra maiúscula — «O GAIATO».

Refugiados

«Caros amigos

Não há dúvida que a vida é um constante peregrinar e a minha assim tem sido. Mas não é para falar de mim que vos escrevo, queridos amigos. Venho saber de vós, venho dizer-vos que apesar do meu silêncio não vos esqueci. Acontece é que tendo sido atingida por um golpe me fechei no meu egoísmo de viver a minha dor, sem de mais nada tratar. Mas foi preciso acordar e cá estou.

Agora estou mais perto de vós e, neste momento, a dor que sinto de estar longe da África que tanto amei, ofereço-a ao Senhor por vós. Estou também perto de vós, porque, agora, quase nada tenho, materialmente falando; mas desse

TO», do qual sou leitor assíduo, pois entendo que — sobretudo nos tempos que correm — é muito reconfortante saber que ainda há quem se preocupe — não com meras palavras, mas com actos reais — com os humildes e abandonados do mundo em que vivemos.

Quando andamos já fartos de ouvir e ler os órgãos de informação despejar de todas as maneiras ódio sobre ódio, incitar a lutas e desunir cada vez mais os Homens, numia completa negação do amor, torna-se realmente um prazer a leitura de «O GAIATO», onde nunca falta a mensagem do Evangelho — mensagem de amor ao Próximo — única «política» válida em todos os tempos.»

«Estou muito grata pelo vosso jornal que me tem chegado regularmente às mãos. Obrigada!

É bom saber de vocês, cá nas ilhas. O endereço que vos indiquei é duma pessoa da minha família. Assim-o vosso «O GAIATO» serve duas famílias; serve e ajuda.»

«Envio cem para que a minha ficha não apresente um déficit tão grande.

«O GAIATO» continua a ser para mim uma «lâmpada viva».

VOZES de EMIGRANTES

«Remeto a importância de mil escudos para a vossa Obra, monumento vivo de Caridade cristã, que de longe acompanho, através do vosso simpático jornal, o qual recebo regularmente nestas Terras de Santa Cruz. Devo dizê-lo, que nas minhas viagens a Portugal, Terras dos meus saudosos Pais, nunca deixo de dar uma saltada até ao vosso canto.»

«No verão de 1974 estive de visita à vossa enternecedora Obra e juntamente com os livros de Padre Américo que comprei, deixei algum dinheiro para que fizessem o favor de me enviar para Manila (Filipinas) o vosso jornal de que sempre fui leitora agradecida.

Este ano, embora tenha ido a Portugal, por circunstâncias vários não me foi possível, como teria desejado, entrar em contacto convosco. Desde que regressei aqui há um mês e tal tem-me preocupado a ideia de que o jornal que continuam a mandar-me já não tenha dinhei-

ro meu que cubra a despesa.

Junto encontrarão o meu cheque para que eu possa continuar a receber aqui a presença de «O GAIATO».

Tão longe da Pátria querida cuja triste situação tanto inquieta, a continuidade de uma Obra como a de Padre Américo, movida apenas pelo Amor, é uma esperança de que talvez nem tudo se perca no desvario para o qual nos arrastam... até talvez alguns ignorantes bem intencionados!

Bem hajam e que Deus não nos abandone!»

«Peço-vos, com muita humildade, que este meu pequenino sacrifício numa terra estranha — Canadá — seja pela Paz do nosso mundo e pelas almas dos meus queridos e por todas as almas e pela Humanidade inteira, pois hoje, dia de Natal, não queria passar de modo nenhum sem vos pedir uma prece, eu que sou sempre muito mas-sadora!»

DOS LEITORES

Obra da Rua

«O tempo está muito duro. Vivemos num ambiente de dúvidas. Nada podemos planear com vista ao futuro. Só uma grande fé em Cristo nos pode dar coragem para a luta que antevemos.

Isso, porém, não nos deve esmorecer; pelo contrário, obrigamos em Cristo a ajudarmo-nos a dentro de limitações a que estamos obrigados.

A minha contribuição, no momento é a presente, mas espero poder enviar mais alguma coisa, do pouco que podemos dispor.

Desculpe, mas julgo-me obrigado a dar satisfação de actos a que estou obrigado.

Antes de acabar desejo exprimir um pensamento: a Obra de Pai Américo e o desassombro de «O GAIATO» dão-nos ensinamentos de orientação a seguir. Que Deus os acompanhe e a todo o Portugal.»

«Duas palavras só para vos enviar esta pequena importância, para inclusão no meu Deve/Haver que sei a nosso favor... em termos de dinheiro, porque no resto sê-lo-á sempre.

Para mim continuais a ser uma das lucernas que balizam a estrada da (minha) vida.

Revolucionária de raiz, a vossa Obra é ímpar sob este gomo de céu luso...

Sem demagogismos, sem oportunismos ou outras falsidades, à força de pulso firme e meigo e coração escaldante, sois, no lodaçal humano que é a vida e com as limitações ine-

vitáveis, muito mais do que cireneus (como pretendes e como já li em «O GAIATO»).

Um aceno cálido de simpatia actuante vos envia um amigo certo.»

«Somos velhos e dedicados assinantes e, por isso, não podemos, este ano, deixar de aumentar um bocadinho a nossa assinatura, dadas as actuais circunstâncias. Pequeníssimo aumento, mas que as mesmas circunstâncias não nos permitem ser maior.

Nem a dedicação nem o interesse por tudo que diz respeito à Casa do Gaiato e ao seu Jornal afrouxaram; mas a vida está tão complicada e séria que todos sofremos muito. Que Deus de todos se lembre e ajude e ampare sempre a Obra de Pai Américo e de todos que nela e para ela vivem, são os sinceros desejos desta assinante que renova os seus cumprimentos amigos e muita consideração.»

«Começo o dia e o ano com um voto e uma prece ao Senhor, pensando em vós e pedindo um 1976 menos atribulado do que o 1975. Que as privações e as provações por que vamos passar toquem realmente a todos, sirvam para levantar a espinhela caída deste exausto e empobrecido País, contribuam para um clima de trabalho realizado e não in ore, propiciem o convívio, a compreensão e a aceita-

ção de diversidade na unidade da desunida família portuguesa.

Que o Senhor vos ajude e continue a encorajar na condução dos Rapazes pelos caminhos do Evangelho, sempre novos e sempre velhos: perenes.

Que o Senhor nos dê governantes com a coragem moral das responsabilidades e a coragem de tomar decisões a bem da grei.

Que o Senhor nos ajude a todos, a encontrar trabalho útil para os válidos e, em particular, para os jovens (não me lamento no meio da calamidade nacional, porque o soldo ainda dá para ajudar os meus filhos...).

Perdoem o ter alongado esta oração da manhã com um inevitável apêndice de interesses pessoais. Quando virá o dia em que será representativa a percentagem dos que se voltam só para o Próximo, desprendidos de si? Faz bem, no entanto, desintoxicar psiquicamente a catarse de um desabaço com quem o entende...»

«Incluso um vale postal para «O GAIATO» em dívida...

Aproveito para desejar a maior prosperidade dessa Obra, que nestes conturbados tempos em que vivemos é uma luzinha na escuridão.»

«Dizer que estimo e admiro a vossa Obra; que leio e releio o «Famoso». Para quê? Sou vosso velho assinante e por isso amigo de sempre que algumas vezes vos aplaudiu nos vossos espectáculos, alguns com a presença de Pai Américo — como em Braga, por exemplo, já lá vão muitos anos.»

Inquietação Sacerdotal

«Um abraço no Senhor.

Sempre acompanhei os trabalhos da Obra da Rua que o grande Padre Américo lançou no País com reflexo no mundo.

Quando tanta gente fala do Povo é alegria vermos que há uma Obra que faz muito pelo Povo.

Estamos cansados de palavras e os problemas avolumam-se em vez de serem solucionados.

Agora são as vossas Casas de África a sofrerem também os erros duma política precipitada.

E os Pobres, os filhos de ninguém são os que mais sofrem. Sofreram no passado, sofrem agora, são o Povo que é algo mui diferente das massas populares tão faladas.

Quero colaborar convosco.

Envio 500\$00 para 3 exemplares de «O LODO E AS ESTRELAS» e a minha assinatura.

As páginas das vossas edições trazem uma mensagem de revolução no amor.

Era assim que queríamos a revolução portuguesa iniciada em 25 de Abril. Ela surge-nos como uma revolução de choque e os portugueses ficaram como que mergulhados no nevoeiro.»

rico, que constam da vossa Editorial.

Como tal, gostaria de ir recebendo regularmente e da maneira que acheis melhor, um livro, pois que não os poderei liquidar todos de uma vez.

Para tal fim, disporei do dinheiro que aufero, através dum «hoby» e que ao comprometer-me nele, a mim próprio impus que o destinaria aos Pobres, aos Marginalizados e todos os necessitados, mormente «O GAIATO», Creches e Lares de Inválidos.

Assim também vós tereis a vossa quota-parte, como que reparação pela minha ingratidão de há 25 anos.

Cá ficarei pois, à espera dos vossos livros e de «O GAIATO», bem assim e para já «O LODO E AS ESTRELAS», que requisiarei no impresso que junto.

Pois este pobre irmão em Cristo, despede-se desejando-vos um 1976 pleno de Amor, que é o mandamento que o mundo ainda não conhece ou não quer conhecer e tanta falta lhe faz.»

«Incluo um cheque para o 1.º volume da 2.ª edição de «DOCTRINA» e para a assinatura de «O GAIATO».

Bendito seja Deus pela Luz que daí continua a jorrar.»

«Muito obrigado pelo vosso livro último. Junto envio uma pequenina quantia. Sei que é pouco, mas de boa vontade, pois certamente calculam as nossas dificuldades por aqui neste nosso bom Alentejo e nesta hora...

Leio e aprecio imenso o vosso jornal e todas as vossas publicações. Que Deus vos ajude nesta luta cada vez mais heróica.

Aqui, o nosso Património dos Pobres cá vai lutando, hoje como sempre. As 14 moradias pretenderam tomá-las, a princípio pela nova Junta com o gáudio das Forças Armadas; ultimamente têm sido os Sindicatos, mas lutamos e, até hoje, estão livres de tudo e de todos. São habitadas pelos nossos Pobres (o Povo, em quem actualmente tantos falam, mas sem obras) gratuitamente, controladas pela nossa comissão de há 13 anos em quem ainda não esmoreceu o verdadeiro amor de Deus e do Próximo. Os nossos Pobres ainda se assustaram... mas voltaram à calma e à santa liberdade dos filhos de Deus. Têm a sua casinha bem boa e bem linda, dizem eles... É o caso: o amor vence o ódio e o interesse... Pois agradavam-lhes imenso aquelas simpáticas moradias... Mas porque as não construíram eles, que apregoam pobreza e desprendimento mas vivem à larga? Sabe, aqui houve um erro: construímos as ditas moradias em terreno que se dizia da Junta. Mesmo assim o bairro, como aqui lhe chamamos, é do Povo e dos Pobres. Hoje, toda a gente o sabe; mas amanhã... Deus dirá.

Desculpem este desabaço. É fruto do tempo...

Rezemos uns pelos outros e a «vitória será nossa».

Abraça-vos no Senhor, um pobre padre alentejano.»

As nossas Edições

«Para os livros que a meu pedido me enviaram, junto o cheque... pedindo o favor, caso não chegue, me digam na volta.

É uma leitura extraordinária que parece ser escrita na época presente, tal era a visão do nosso querido Pai Américo.»

«(...) Junto um cheque para me mandarem todas as obras que couberem no que restar, depois de cobrarem a que já me mandaram, «O LODO E AS ESTRELAS», porque quero fazer uma distribuição por portugueses que andam esquecidos de sua Terra e de sua Pátria.»

«Cá vai mais uma pequena migalhinha das migalhas disponíveis, que este vosso irmão e amigo covilhanense vos espera

poder ir enviando periodicamente.

Estou imensamente grato pela confiança em mim depositada, ao enviarem-me todos os livros existentes actualmente na vossa Editorial.

Já os comeci a ler sofregamente, para depois meditar no seu conteúdo, que é na realidade palavra de Vida e de Esperança.

Dado que já comeci a ofertar alguns, agradeço o favor de, logo que possível, me remetam mais um «BARREDO», bem assim os que vierem a ser editados posteriormente, incluindo as edições agora esgotadas.

(...) Estou contudo preocupado pois não sei o valor de todos estes livros, pelo que receio não dar o seu valor real, pela composição e papel, já que a mensagem que nos transmitem é de valor incalculável...»

«Há cerca de 25 anos, fui assinante de «O GAIATO», era ainda um catraio despreocupado.

Nessa altura, como hoje, gostava imenso de o ler e sentia uma alegria e um prazer enormes e uma sensação de felicidade misteriosa. Então, como agora, lia-o avidamente, duma ponta à outra, sem perder uma letra.

Contudo, não perdi o contacto convosco, pois o adquiria sempre que o vinham apregoar animosamente.

Dado que por norma sou muito descuidado e comodista, só hoje me disponho a cumprir um voto de há já longo tempo.

Uma razão muito forte me levou a escrever-vos e que é o grande desejo de conhecer a grande Obra do Padre Américo.

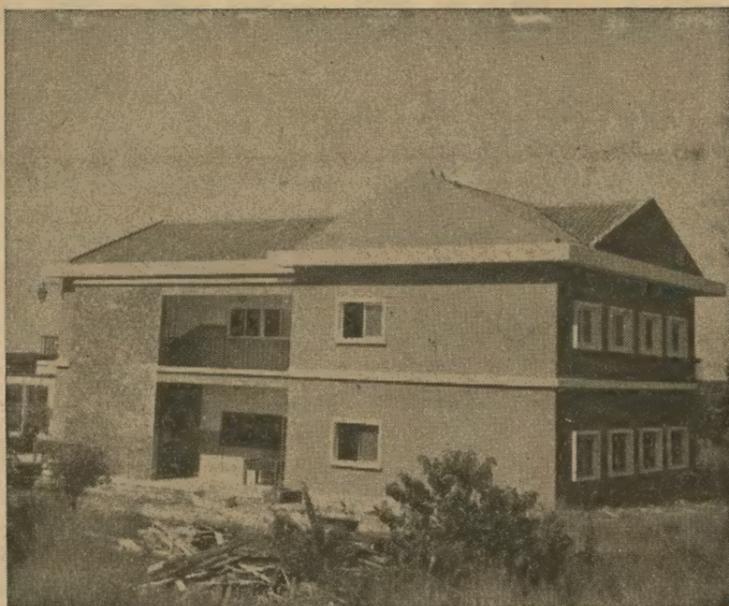
(...) Creio que nada melhor do que ler os livros de Pai Amé-

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA pág.

tempos, mesmo após serem anunciadas as aldeias comunais a que manifestavam relutância.

Um dia fomos visitados pelo Ministro da Educação e Cultura, que manifestou grande interesse por nós, prometeu ajuda que afinal nunca haveria de vir. Nesse mesmo dia, pela manhã, em Novembro de 1974, tinham partido quase todos os nossos Rapazes europeus. Embora aquele qualificasse de atitude grave essa vinda, não tinha sido nem apresada, nem irreflectida. Desde o 25 de Abril que os chamados «Democratas» de Moçambique, talvez com boa intenção, mas certamente pensando promover-se a si-próprios também, atearam chamas de ódio, durante séculos de escravidão adormecida. Os acontecimentos de Setembro e Outubro desse ano foram um corolário infeliz com a mancha atroz de muitos inocentes. Só por uns breves minutos o nosso Ameriquito e esposa, car-



Eis uma casa de habitação da Casa do Gaiato de L. Marques. Não fomos à procura doutros bens que não fossem os justos e necessários às Crianças carecidas.

sados havia um mês, mais outro vitimados. A importância dessa atitude popular foi tão grande, que passado um ano, ao pedir

que me permitissem trazer os pertences mais necessários do nosso casal recebi esta negativa textual: «Há muito já que definimos correctamente como inimigos do Povo, todos aqueles que fugiram de Moçambique em Setembro e Outubro.» A definição de «inimigo», durante muito tempo a seguir, tema de comícios de esclarecimento, foi sempre tão pouco esclarecedora que o Povo ainda hoje não sabe qual a diferença entre branco, português, colono e explorador. São sinónimos.

A ambiguidade da presença europeia só começou a atenuar-se quando, após a saída da maioria branca, as condições de vida se agravaram pela falta de trabalho e de géneros de primeira necessidade. Ao mesmo tempo começou a clarificar-se a verdadeira face da descolonização: substituição imediata do branco pelo negro. Esse o primeiro passo. O seguinte está a dar-se. A Revolução Moçambicana não atingiu, nem poderá de princípio, a sua identidade, mas está a acontecer ditatorialmente segundo um esquema internacional. A tão apregoada «vontade das largas massas» não passa de «slogan» entorpecedor do Povo que sofre imerecidamente.

Padre José Maria

«O Gaiato» e nós

O nosso jornal não é um simples papel escrito. Transmite algo nosso; algo que Pai Américo nos deixou.

Aniversário! Sim, como os outros, tem o seu. Mas o nosso é diferente. Tem páginas de colaboração dos nossos amigos Leitores.

A fantasia do jornal não presta. Só o conteúdo. Neste dia, para assinalarmos a data, juntámos outras cores. Mas a mensagem, repito, é a mesma de sempre.

Muitos de nós talvez pensemos que o jornal é mais um meio de adquirir dinheiro. De certo modo estamos enganados. Apenas queremos, por ele, levar um pouco de Amor aos nossos Amigos. Não vendê-lo como qualquer mercadoria!

Aniversário de «O GAIATO»! Hoje, meditemos: o que fazemos nós — os Rapazes — para que «O GAIATO» seja melhor!

Ele não é meu nem daquele, mas de todos os que dão o seu contributo e ajuda, a fim de que o «Famoso» possa ser cada vez melhor e mais comunicativo.

Aniversário!
— Que jornal bonito!...

E amanhã é feio por não ser colorido?!...

Deixemo-nos de fantasias.

«Marcelino»

«Cada freguesia cuide dos seus Pobres»

Soltamos um grito-desabafo pela marginalização de legiões de Pobres — e novos Pobres — por esse País fora.

Um desabafo em dia de festa não é despropositado. «O GAIATO» mais não faz, há 32 anos, do que ser oportuno e importuno, sobretudo junto dos homens de boa vontade de todos os quadrantes.

Se cada freguesia cuidar dos seus Pobres, nos meios rurais e urbanos, muitas carências poderão ser resolvidas ou minimizadas, a nível nacional; da velhice sem assistência à crescente miséria do desemprego.

Hoje, como ontem, Pai Américo não pediria mais nem melhor. Revolucionário-pacífico sacudiria os não-te-rais, os demagogos, os coveiros da desgraça dos Outros. A sua linha é actual, porque baseada no Evangelho.

Quando vamos ao Porto — escoadouro dos meios rurais — vimos deprimidos, angustiados! Os Mártires dos barredos e ilhas descem, todos os dias, às ruas centrais. Terrível acusação! Velhos, desempregados, deficientes físicos e mentais; mãos erguidas, com ou sem caixas de esmolas. Uns, documentados; outros, não. Muitos espelham verdade; necessitam de mãos dadas no próprio domicílio. Outros, na moina, carecem reprimenda ou intervenção da autoridade.

Enfim, as maiorias passam velozes, tranquilas; absortas em negócios, trabalhos, política, futilidades. As minorias, com decência ou não, curvam a esmolinha, oportuna ou inoportuna, conforme os casos. E as autoridades?!

Em Lisboa o panorama não é melhor. Sob os nossos olhos pecadores passa a triste imagem

duma mulher idosa «que dorme ao relento, enrodilhada em trapos. Tem um subsídio de 500\$00 mensais que muitas vezes lhe roubam. A caridade é pouca — esclarece o redactor — e ela, com uma perna lacerada, há muito nada pode fazer. Quando deixará de aparecer na cidade um espectáculo tão deprimente e desumano (velhice, invalidez, pobreza)?! — remata o articulista.

Mais um quadro negro da capital:

«Dormimos ao relento porque não temos onde ficar. As pensões são todas muito caras. E nós estamos desempregados» — esta a justificação de algumas pessoas que dormem diariamente ao ar livre junto à estação do Rossio. «Os comboios não incomodam.» Papelões e algumas mantas abrigam-nas do frio. Na

fotografia (inserta no periódico) duas muletas. Pertencem a um homem. Tiveram que lhe amputar uma perna, esmagada debaixo de uma camioneta, quando estava a trabalhar. De manhã, acende-se uma fogueira, esfrega-se os olhos e tenta-se passar o tempo.

«Dinheiro para comer?» — perguntámos. «Temos que o ir arranjar ou, então, pedir uns escudos emprestados.» As autoridades passam e fingem que não viram nada. Os transeuntes desviam o olhar. A miséria incomoda. A promiscuidade também. (...) Medidas concretas de integração na sociedade: o que se fez até agora? Junto da estação do Rossio dorme-se na rua. E todos os dias mudam os «hóspedes». As pensões, essas, estão cheias. Quando têm um quarto vago, «são caras...»

Consoante o meio e os casos, é difícil, complexa, a solução dos problemas? É, sim senhor. Mas com a apatia das autoridades e das comunidades será muito pior. Vamos aos Pobres! O Evangelho não é literatura... Pai Américo insistiu, oportuna e importunamente: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres».

Júlio Mendes

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

Ouço as máquinas das oficinas e as ferramentas manuais. Sinal de trabalho. O trabalho foi, é e será a grande fonte de riqueza e a grande arma de educação. Sou testemunha de que muitos se têm feito homens em nossas Casas com a arma do trabalho, libertando-se da ociosidade que continua a ser a mãe de muitos vícios.

Nos últimos tempos, nesta nossa pobre sociedade portuguesa, tanto se tem dito a favor de uma campanha de mais trabalho, para se fazer face à

crise económica que já estamos a sentir e que promete agravar-se! E cada vez sentimos que se trabalha menos, com menos vontade, com mais desleixo. E é assim que alguns querem lutar!

Há momentos era uma chamada telefónica de Lisboa a perguntar da nossa possibilidade de pagamento duma conta. Respondi que já há dias havíamos mandado carta com cheque. E a voz do outro lado continuou: «Agora esta gente quer viver sem trabalhar!...» Do lado de cá eu respondi: «Há muitos

que estão convencidos que havemos de viver de minas... Mas, se as tínhamos, acabaram-se».

Somos quase obrigados a ouvir e a ler certas reportagens e certos comunicados em que o paleio é tão barato! Se tanto paleio resolvesse alguma coisa da nossa crise económica estaríamos nós com a crise vencida, tanto e tal tem sido o paleio. As vezes até ficamos com a convicção que tal gente nunca trabalhou.

Falamos e escrevemos com isenção, pois sabemos quanto custa a vida. Lutamos para que o trabalho não seja escravização do homem, mas sim um instrumento de libertação.

Padre Horácio



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa